

A DIVERSIDADE DE MORCEGOS FÓSSEIS DO QUATERNÁRIO BRASILEIRO

THE DIVERSITY OF FOSSIL BATS FROM THE BRAZILIAN QUATERNARY

AVILLA, L.S.^{1,2}; ABRANTES, É.A.L.¹

¹ Departamento de Geologia, IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, ealabrantes@yahoo.com.br

² Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, lavilla@compuland.com.br

Os registros de morcegos fósseis do Quaternário do Brasil são exclusivos de ambientes cársticos. Esses ambientes são de especial interesse no estudo de pequenos mamíferos fósseis, pois permitem o acúmulo de sedimentos através de suas aberturas. Desses registros, destacam-se, por sua grande diversidade, os levantamentos paleofaunísticos de Lagoa Santa (MG), cinco localidades no Estado da Bahia (BA) e Serra da Mesa (GO). Com exceção de *Desmodus draculae* Morgan, Linares & Ray, os morcegos registrados no Quaternário brasileiro são elementos da fauna vivente. Dentre as famílias com representantes fósseis nesse intervalo, destaca-se a ausência dos Noctilionidae, bastante comum em toda América do Sul. Cabe salientar também a grande diversidade de Phyllostomidae, padrão também observado nas faunas Neotropicais atuais. Para melhor entendimento da diversidade faunística de morcegos quaternários brasileiros, realizaram-se análises estatísticas baseadas nos índices de Jaccard e Sorensen. Ao compararmos os principais sítios fossilíferos quaternários do Brasil (MG, BA e GO), com outros das Américas, observa-se uma maior diversidade de morcegos no Brasil. Porém, os resultados dos coeficientes aplicados revelaram pouca similaridade entre as paleofaunas brasileiras. Para o reconhecimento de similaridade, o método implica numa porcentagem igual ou maior a 70%. Assim, as localidades brasileiras aqui analisadas possuem uma diversidade distinta. Além disso, com exceção de *Natalus straminaeus* Gray, todas as espécies compartilhadas possuem uma distribuição atual bastante ampla. Esse padrão não deveria ser diferente durante o Pleistoceno. Mesmo *D. draculae* (morcego-vampiro extinto), também possuía uma distribuição ampla. Os morcegos são considerados excelentes indicadores ambientais. Podemos deduzir que esses registros paleofaunísticos representem ecossistemas divergentes, e que, provavelmente, durante o Quaternário, o Brasil possuía ambientes tão diversos quanto os encontrados atualmente. Por outro lado, a dissimilaridade entre as localidades analisadas pode também ser explicada, por cada uma delas representar distintos momentos durante o Pleistoceno. À exceção da Bahia, as demais localidades não possuem datações e mesmo as datações radiométricas dos sítios baianos revelam um grande intervalo temporal para o registro fossilífero de mamíferos (600-12 mil anos). Assim, a fauna fóssil de mamíferos encontrada nas cavernas da Bahia poderia não ser sincrônica. Czaplewski e Cartelle apresentaram, em 1998, datações radiométricas para somente dois espécimes de morcegos dessas mesmas localidades e assinalam um intervalo temporal de 20-12 mil anos. Esse intervalo também compreenderia dois distintos momentos climáticos (principalmente, variações de umidade) no Pleistoceno brasileiro: o final do último interglacial, e praticamente todo o último período glacial (18-11 mil anos). Dessa forma, sem uma datação mais precisa, as faunas do Quaternário do Brasil não podem ser comparadas. Órgãos financiadores: CAPES e UFRJ.